

Por ocasião do XIII Encontro, os trabalhos foram reunidos em seis mesas-redondas propostas pelos membros. Ingedore Villaça Koch, Edwiges Maria Morato e Luíz Antônio Marcuschi propuseram-se a discutir *processos cognitivos e interativos da coerência*. Dino Preti, Maria da Piedade Moreira de Sá, Maria Elias Soares e Diana Luz Pessoa de Barros agruparam-se em torno do tema *oralidade, norma, variação*. Kazue Saito Monteiro de Barros e Maria do Socorro Oliveira concentraram-se nas estratégias envolvidas na *interação em sala de aula*. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran, Mercedes Sanfelice Rizzo e Dóris Carneiro da Cunha reuniram-se para debater questões de *metadiscursividade na estruturação textual*. Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia C.V. de Oliveira Andrade, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino e Maria Aparecida Lino Pauliukonis focalizaram o *discurso da mídia*. A mesa-redonda sobre *linguagem e construção de sentido*, da qual participaram Judith Hoffnagel, Maura Penna e Inês Signorini constituiu-se numa atividade conjunta do nosso GT com o de **Linguística Aplicada**.

Na organização deste volume, no entanto, preferimos evitar subdivisões que, não contando com a rentável substância dos debates, poderiam acarretar uma pulverização de temas. Ademais, uma leitura dos estudos aqui arrolados evidencia o entrecruzamento de vários interesses, muitas vezes ressaltando-se a artificialidade de uma divisão estanque. Apesar da pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas e da predominância de motivações de cunho teórico ou aplicativo, uma preocupação central no nosso GT é com os processos de construção de sentido em diferentes situações de interação social. Mais do que um entrave, esta diversidade valoriza o caráter interdisciplinar das investigações, promovendo o intercâmbio entre aqueles que dividem a preocupação com os rumos e a qualidade da pesquisa em **Linguística de Texto e Análise da Conversação**.

*Kazue Saito Monteiro de Barros*

## **A METADISCURSIVIDADE COMO RECURSO TEXTUAL-INTERATIVO EM ENTREVISTA TELEVISIVA**

Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran  
UNESP/Assis – CNPq

### **1. Preliminares**

O objetivo deste trabalho é o estudo da funcionalidade do metadiscorso no processamento do texto e de relações interativas, em uma entrevista televisiva.

Dado que a entrevista televisiva configura um quadro interacional complexo, em que uma primeira instância comunicativa, entre entrevistadores e entrevistado, medeia uma segunda instância de comunicação entre a produção do programa e o público telespectador, restringiremos nossa análise à interação em cena, verificando o desempenho dos papéis discursivos dos protagonistas direta e imediatamente envolvidos no evento. Fatores integrantes da relação comunicacional com o público só serão comentados quando referidos na interação face a face entre entrevistadores e entrevistado. Dado ainda que, nas emissões televisivas, há coocorrência de diferentes sistemas semiológicos (verbal, gestual, visual), levaremos em conta apenas o estrato verbal, considerando-o como vetor na construção dos sentidos (cf. Charaudeau, 1991).

A concepção de metadiscursividade com que operaremos para a identificação de enunciados focalizadores da atividade discursiva, bem como para o reconhecimento das modalidades de intervenção do metadiscorso fundamenta-se nos dados teórico-conceituais expostos no artigo **A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso**, de autoria de Rizzo (neste volume).

## 2. O metadiscorso como recurso de processamento textual indiciador de interação polêmica

A entrevista selecionada para análise, a edição de **Roda Viva** –TV Cultura, de 25/08/97 - versou sobre o tema “Reforma Agrária”, e teve como entrevistado o líder do MST João Pedro Stédile (JPS), e como entrevistadores: Paulo Henrique Amorim (PHA), da TV Bandeirantes; Josias de Sousa (JS), da Folha de São Paulo; Fernando Mitre (FM), do Jornal da Tarde; Paulo Markun (PM), da Rede Globo; Luís Hafers (LH), presidente da Sociedade Rural Brasileira e Francisco Graziano Neto (FGN), ex-presidente do INCRA e atual Secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. O coordenador foi Matinas Suzuki Júnior (MS), jornalista da TV Cultura.

A constituição da bancada de entrevistadores, com predomínio de profissionais atuantes na mídia, que em geral veicula uma visão negativa do MST, e com duas autoridades sem qualquer afinidade ideológica com esse Movimento, mais a natureza polêmica do tema são indicadores iniciais da controvérsia que se instaurou nesse evento.

Ao longo de toda a entrevista desencadeia-se um embate entre duas concepções diferentes de Reforma Agrária, que polariza, de um lado, o entrevistado e, do outro, o conjunto de entrevistadores. Na perspectiva do MST, representada pelo entrevistado, a Reforma Agrária implica uma reestruturação na essência da política agrícola, diretamente vinculada a questões mais amplas, de cunho sócio-político-econômico. Essa visão denuncia a injustiça social vigente, a má distribuição de rendas e o sistema ideológico que as sustenta. A outra concepção de Reforma Agrária aflora particularmente na fala dos entrevistadores, que tratam o tema de forma pontual, circunscrevendo o problema e sua solução ao assentamento dos Sem-Terra. Em decorrência, eles manifestam concordância com projetos localizados e paliativos, que não interferem no sistema de organização agrícola, favorecedor da alta concentração da propriedade de terras.

Fundada no confronto de opiniões divergentes sobre o tema, a interação em cena ganha, então, um estatuto polêmico, promovendo um movimento de argumentação e contra-argumentação típico de situação discursiva conflituosa (cf. Aquino, 1997, mimeo.) A polemização dos entrevistadores com o entrevistado é, assim, a constante particularizadora das relações interpessoais no programa em estudo.

Dentre as várias estratégias verbais acionadas nesse jogo interacional, destacaremos em nossa análise, a seguir, procedimentos metadiscursivos que, materializando a dinâmica de debate no texto em construção na entrevista, atuam como recursos de processamento textual indiciadores das relações interativas geradoras do texto.

Comentaremos inicialmente duas incidências de metadiscorso, bastante frequentes na fala dos entrevistadores. Devido à atitude comum de contraponto assumida por eles em relação às posições de Stédile, os entrevistadores acabam por desvirtuar a função essencial, que lhes é imputada, de obter informações do entrevistado, levando-o a explicar, testemunhar e manifestar suas avaliações sobre o tema (Charaudeau, 1991). Nessa emissão de **Roda Viva**, observa-se que o foco é deslocado da obtenção para a contestação de informações, já que as intervenções dos entrevistadores refletem sobretudo um questionamento dos fatos e dados fornecidos pelo entrevistado.

O primeiro procedimento particulariza-se por referências a falas do entrevistado, nas quais os entrevistadores fundam as suas perguntas, no intuito de “pegá-lo pela palavra”:

- (1) **JS:** Senhor Stédile, o senhor já/ o senhor falou agora há pouco quando se tem dinheiro, e os fazendeiros o senhor diz (tem) compram até o padre não é? compra juiz, compra delegado, **agora o senhor diz que o INCRA é corrupto.** Não se salva nada nesse/nesse/nessa questão agrária? Só o MST é santo (nessa história?)<sup>1</sup>
- (2) **JPS:** (...) a própria Folha de São Paulo, na qual você trabalha, fez a pesquisa e revelou que cinquenta e nove por cento da população brasileira tá excluída desse modelo de desenvolvimento. Agora qual é o segundo desafio que nós temos? É de fazer um debate na sociedade de qual é o outro modelo, que nós não temos. Eu não tenho a fórmula e nem as oposições têm.
- JS:** (quer dizer) **o senhor está me dizendo que** o senhor critica esse modelo, mas o senhor não sabe o que/ o que vai colocar no lugar?
- JPS:** não sei ... não sei ... o que que nós conclamamos? Que a sociedade brasileira discuta, faça debates, seminários pra aprofundar

<sup>1</sup> A citação dos exemplos está de acordo com a transcrição da entrevista feita por Jocelene Trentini Rebeschini, sob orientação de José Gaston Hilgert (UPF-RS).

Em (1) e (2), manifestações do entrevistado são incorporadas às dos entrevistadores, pelo recurso ao discurso indireto, que comporta enunciados metadiscursivos referenciadores de atividade “linguageira” (**falar, dizer**). Em (1), tais enunciados introduzem o relato de proposições proferidas pelo entrevistado e esse relato constitui-se como objeto sobre o qual se elabora o ato verbal do entrevistador, de forma que, num movimento auto-reflexivo, o discurso do entrevistador glosa o do entrevistado: a retomada do teor das intervenções de Stédile, de denúncia de corrupção no órgão governamental responsável pela Reforma Agrária e na classe dos fazendeiros, serve como ponto de apoio para JS lançar duas perguntas (*Não se salva nada nesse/nesse/nessa questão agrária? Só o MST é santo (nessa história?)*). Essas perguntas incidem retroativamente sobre a fala do entrevistado, provocando um efeito argumentativo de checar-lhe o valor epistêmico. Isto porque o contraponto estabelecido entre as afirmações do líder do MST (INCRA e fazendeiros são corruptos) e a pergunta de JS, calcada na inferência, tirada dessas afirmações, de que o MST é santo, desencadeia conotações de parcialidade do entrevistado na avaliação do tema em debate, e, conseqüentemente, de descrédito em suas declarações.

Essa mesma tática de inferência é observada no segmento (2), em que o entrevistador não mais relata o que é dito pelo entrevistado, e sim tira conclusões do que é dito, deixando clara a referência à fala do entrevistado, por meio de termos atinentes à atividade discursiva: **o senhor está me dizendo que...** . Esse enunciado mostra que o discurso do entrevistador dobra-se sobre o do entrevistado, tomando-o como foco e matriz de onde se origina a conclusão expressa na proposição subsequente (*o senhor critica esse modelo, mas o senhor não sabe o que/ o que vai colocar no lugar?*). Evidencia-se, desse modo, a função metadiscursiva desse enunciado, que é a de revelar o movimento de raciocínio que produz a trama argumentativa sobre a qual se monta o segmento em análise (cf. Borillo, 1985). Assim, explicitando o esquema de montagem da progressão lógica do texto, o metadiscorso aponta simultaneamente para as relações interacionais entre os interlocutores: construída pelo entrevistador, essa trama de fazer com que a sua fala seja decorrente da do entrevistado, leva ao comprometimento deste com o que o entrevistador diz. O ato de fala de JS conduz Stédile a acatar, como se fosse seu, o comentário corriqueiramente feito pelos adeptos do governo FHC aos partidos e movimentos que o contestam - o de que a oposição limita-se a criticar o modelo de desenvolvimento do governo,

mas não tem propostas para a solução dos problemas do país. Tal comentário traz embutido o desmerecimento das posições das forças opositivas, já que suas críticas seriam inconsistentes, por não serem fundamentadas em um projeto alternativo. Acionando esse conjunto de sentidos, o entrevistador desqualifica duplamente o entrevistado. Em primeiro lugar porque, assumindo a voz governamental - dado que se depreende de sua entonação de surpresa -, procura enfraquecer a palavra de Stédile, remetendo-lhe o juízo negativo de não se basear em um projeto que pudesse substituir o criticado. Em segundo lugar porque, atribuindo a Stédile o reconhecimento da ausência de propostas alternativas para sustentar as críticas dirigidas ao governo, pega-o pela palavra, usando-a como contra-argumento de seu próprio discurso contestador.

O mecanismo metadiscursivo verificado em (1) e (2), pelo qual os entrevistadores fazem menção à fala do entrevistado, a fim de nela assentar as suas colocações, representam, no contexto da interação polêmica estabelecida na entrevista, uma tentativa de acuá-lo, pela desvalorização de seu discurso.

Nessa mesma direção de cercar o entrevistado, registra-se na entrevista uma segunda ordem de recursos metadiscursivos, que atestam o entrosamento da bancada dos entrevistadores, em confronto com o entrevistado. São procedimentos pelos quais a fala de um entrevistador refere-se à de outro, conectando as perguntas umas com as outras. Desse modo, as falas dos entrevistadores aparecem na entrevista como evento discursivo e, quando retomadas, como objeto de menção ou de avaliação, num claro processo de auto-referencialidade do discurso.

O enredamento das intervenções dos entrevistadores dá mostras de uma ação coesa no exercício de seu papel discursivo, confirmando a polarização que se estabelece entre eles e o entrevistador, resultante da contraposição de seus pontos de vista sobre o tema em discussão.

Para amostragem dessa função assumida pelo metadiscorso, selecionamos a seguinte passagem:

- (3) MS: Stédile, a questão da reforma agrária, que é a questão da ocupação das terras, é uma questão que está sendo largamente, amplamente debatida pela sociedade brasileira. As pesquisas indicam que há na sociedade brasileira uma simpatia por uma reforma agrária. Por outro lado, para muitas *peessoas*, pessoas que reconhecidamente trabalham por mais justiça social no

país, por mais democracia, por uma redistribuição de renda, essas pessoas expressam uma preocupação de que o Movimento dos Sem-Terra, embora originário de uma causa que elas consideram justa, estaria indo muito além dos limites ou das propostas do Movimento, não é? **Nós vimos aí, no nosso breve vídeo, se falava em ocupação de escola, se falava de ocupação de supermercados, essa coisa toda.** Como é que você avalia isso? Você não/ o Movimento não está preocupado com essa questão? Está preocupado com essa questão? Essa questão tem/ é debatida aí no Movimento dos Sem-Terra?

**PHA:** Mas eu acho que aí / aí que é o ponto. **Eu retomo a pergunta do Matinas, eu acho que é importante,** nós acabamos de ver, por exemplo, acabou de sair, tá nas bancas, a última edição da revista Time, edição latino-americana, que diz que o Movimento dos Sem-Terra é o mais poderoso movimento de oposição ao presidente Fernando Henrique Cardoso, que essa oposição não vem do Congresso, mas do seu movimento. Está aqui na revista Time. O presidente Fernando Henrique Cardoso já disse que o seu movimento é um movimento político, é um movimento que quer derrubar o governo. Então, eu acho que existe, **como formulou apropriadamente o meu colega Matinas,** uma questão central no seu movimento, que é saber exatamente a questão dos meios que o senhor emprega e a minha pergunta concretamente é a seguinte: o senhor pretende manter o Movimento dos Sem-Terra dentro dos limites da democracia representativa?

Em (3), constrói-se uma cadeia de referências a falas anteriores, explicitada no texto pelos enunciados metalingüísticos assinalados em negrito. O primeiro ocorre no turno de MS, que abre a entrevista propriamente dita, iniciando a interação com o entrevistado, após as apresentações dos participantes. Para apresentar o entrevistado, é projetado um vídeo que focaliza primeiramente o currículo de Stédile, para depois historiar o MST, concedendo maior espaço e capital visual para as for-

mas de luta desse movimento. Ficam, portanto, destacados os acampamentos, as passeatas, as marchas a Brasília, as ocupações de terra e de escolas, os saques a supermercados e os conflitos com fazendeiros, capangas e polícia.

Consideramos esse vídeo como a voz da produção de Roda Viva, cuja avaliação, relativamente às posições dos participantes da interação em cena, permite afirmar que o discurso da produção alinha-se com o dos entrevistadores, passando uma imagem desfavorável do MST. É a esse discurso da emissora onde trabalha que o coordenador do debate recorre para formular sua questão, transformando-o em argumento comprovador de manifestações de pessoas democráticas de que o MST está ultrapassando os limites de suas propostas: **Nós vimos aí, no nosso breve vídeo, se falava em ocupação de escola, se falava em ocupação de supermercados, essa coisa toda.**

O estatuto metadiscursivo desse enunciado é assinalado particularmente pelo emprego do verbo **falar**, designador do ato verbal focalizado como referência para a elaboração de um outro ato de fala, a ele sobreposto. O apoio de uma manifestação verbal sobre outra ganha dimensão metadiscursiva em casos como este, em que há explícita menção da atividade linguageira tomada como objeto de discurso.

Tal fato pode ser verificado no segundo e terceiro enunciados destacados em (3), proferidos por um outro integrante da bancada de entrevistadores, PHA (**eu retomo a pergunta do Matinas, eu acho que é importante (...) como formulou apropriadamente o meu colega Matinas**). Expressões nominais como **a pergunta** e verbais como **formulou** denominam atividades de linguagem que se constituem como referentes no interior de um evento comunicativo, quando se promove um discurso que se volta sobre si mesmo, ao enfocar segmentos anteriores em trechos posteriores. Colabora para a sinalização desse processo de autorreferenciação do discurso a designação do ato de remissão ao que foi dito antes, pelo enunciado performativo **eu retomo**.

Essa estratégia de engate das falas dos entrevistadores, que impulsiona a sua união no cerco ao entrevistado, é reforçada por outro mecanismo metadiscursivo, de fazer recair, sobre a fala mencionada, avaliações de sua pertinência, relevo e qualidade discursiva, conforme se verifica no inciso **eu acho que é importante**, e no advérbio **apropriadamente**, que expressam o julgamento de PHA ao teor da pergunta de MS e ao modo como ela foi formulada.

As constantes remontagens das colocações dos entrevistadores ao entrevistado interferem na construção textual, levando a uma forma peculiar de desenvolvimento tópico, assentada no retorno de um mesmo conjunto de problemas, concernentes entre si, que voltam sob diferentes formulações. Neste exemplo (3), há a recorrência do tópico relativo aos limites do MST, que, segundo a perspectiva dos entrevistadores, foram extrapolados por causa de um desvirtuamento de seus propósitos iniciais de luta pela terra. O mesmo tópico fica, portanto, em evidência em vários momentos da entrevista, desencadeando uma progressão tópica ralentada, em virtude da reiteração de informações. Essa circularidade tem a sua contrapartida pragmática, por refletir a coesão dos entrevistadores em contraposição com o entrevistado e por construir, pelas insistentes retomadas de determinados assuntos, a imagem de um entrevistado que não responde adequadamente as perguntas.

Analisando a fala dos entrevistadores, observamos então que a desqualificação do desempenho do entrevistado, advinda do engate das intervenções dos entrevistadores na reiteração do mesmo tópico, mais a pretendida desmontagem dos argumentos de Stédile, pela glosa de seu discurso, no intuito de pegá-lo pela palavra, fragilizam o seu papel discursivo, atingindo o papel social de líder do MST, com que ele comparece à entrevista. Estão em jogo, portanto, divergências ideológicas que perpassam as relações interativas, conferindo-lhes um cunho de conflito.

A expressão da interação polêmica no texto da entrevista pode ser detectada ainda no uso de outras formas de metadiscursos: a de qualificação dos atos de fala atualizados na dinâmica de um debate de opiniões divergentes e a de gestão das relações dialógicas entre os participantes. Tais formas ocorrem no segmento abaixo:

(4) **JPS:** Olha, deixa eu te dizer uma coisa: lá no Rio Grande do Sul, e em Santa Catarina, você sabe qual é a principal base eleitoral do PPB, da velha Arena? Os pequenos agricultores. Nós, eu que sou do PT – lá, ó, aquele que gosta de me chamar de petista - , nós fizemos um esforço/

**JS:** Ah! O senhor não gosta de ser chamado de petista?

**JPS:** Não, eu gosto, mas você me fala assim como ser do PT fosse um estigma.

(( falas superpostas incompreensíveis))

**JS:** O senhor não é do PT?

**JPS:** Claro! Eu sou fundador do PT, eu e o Teixeira ( )

**JS:** Então qual é o problema?  
(( falas superpostas incompreensíveis))

**MS:** **Senhores, um de cada vez, por favor, um de cada**  
(( novas superposições incompreensíveis))

**PM:** ( ) **fazer um parêntese** pra devolver a **provocação** como jornalista que/

[  
**JPS:** ( ) contar uma historinha pra ele aqui/

**PM:** O senhor vai contar uma/ várias historinhas aqui. (Sempre) o senhor para acima das ideologias e toda base de argumentação sua é uma base de argumentação marxista, certo? Então quando se fala que o senhor é membro do PT é porque muitas vezes o MST aparece como uma entidade que não tem vínculo com a política real, **é só por isso que essa observação é feita**, imagino eu, pelo Josias (tá certo?)

**JPS:** tá bom, já encontrou advogado, viu, Josias?

[  
**PM:** ( ) advogado, **é só uma observação** ( )

No primeiro turno, JPS insere um parêntese (*lá, ó, aquele que gosta de me chamar de petista*) no tópico a respeito do qual estava falando, para apontar uma discussão anterior sobre seu vínculo com o PT. Essa questão, que na fala de Stédile é secundária, dada a sua natureza parentética, passa a ser focal nos turnos imediatamente seguintes, reativando a discussão da posição político-partidária do líder do MST. O grau de envolvimento dos entrevistadores com esse novo tópico é tão intenso, que eles falam em conjunto, numa união de vozes simultâneas, que soam como uma “roda viva” de falas em torno do entrevistado. Intervém então o coordenador MS, proferindo o enunciado **Senhores, um de cada vez, por favor, um de cada**, que tem estatuto metadiscursivo, porque focaliza o evento comunicativo em curso, tematizando condições necessárias para a sua eficácia. Esse enunciado tem a função de regular as trocas dialógicas, restabelecendo normas previstas no ritual de entrevista, que foram quebradas pela reação em uníssono dos entrevistadores.

O inciso interposto por Stédile no primeiro turno desencadeia, a partir da entrada de PM no diálogo, um outro segmento tópico, cujo início é demarcado pela expressão metadiscursiva **fazer um parêntese**, que escopa a porção de discurso seguinte, explicitando o seu valor discursivo no âmbito da composição do texto. Posicionando-se como prefaciadora, essa expressão funciona como um mecanismo que anuncia antecipadamente, no texto, o estatuto de inserção do fragmento que introduz. Nesse caso, o metadiscurso põe em evidência a própria montagem do texto.

No contexto do segmento demarcado como parentético, torna-se claro o movimento de ataque e defesa particularizador da interação polêmica instaurada na entrevista. Um dado metadiscursivo revelador do confronto entre entrevistadores e entrevistado está na avaliação que PM faz da fala de Stédile, qualificando-a como **provocação**, face à atitude irreverente do entrevistado de dirigir-se a JS, nomeando-o ironicamente de *aquele que gosta de me chamar de petista*. Com essa qualificação negativa, o ato de fala de Stédile é visto como não apropriado às condições de polidez e respeito ao interlocutor, na situação ritualizada de entrevista televisiva.

Se, por um lado, PM atinge a face do entrevistado, acusando a inadequação do seu comportamento discursivo, por outro lado defende a face do entrevistador alvo do comentário irônico de Stédile, apresentando uma justificativa para o fato de JS ter cunhado o entrevistado de petista e qualificando esse ato de fala de JS como **observação** (*é só por isso que essa observação é feita, imagino eu, pelo Josias (tá certo?)*). O termo **observação**, aplicado à natureza de uma atividade verbal, é destituído de quaisquer conotações de animosidade nas relações interativas. Conseqüentemente, a conduta do entrevistador é considerada ajustada e conveniente ao evento entrevista. PM alia-se, desse modo, a JS, garantindo a preservação da face da bancada de entrevistadores.

As avaliações contrastantes do desempenho dos papéis discursivos do entrevistado e do entrevistador, materializadas no texto através de uma das modalidades de metadiscurso, que é a da focalização e designação de atos de fala realizados em um evento comunicativo, consistem em mais uma evidência da polarização que demarca as posições adversas entre os entrevistadores, de um lado, e o entrevistado, de outro.

Concluindo, podemos afirmar que os procedimentos usados pelos participantes, salientados ao longo de toda a nossa análise, dão mostras da funcionalidade do metadiscurso de indiciar as relações interacionais acionadas na entrevista: há efetivamente uma interação polêmica, resultante do alinhamento entre os entrevistadores, que se posicionam em bloco contra o entrevistado, em virtude das diferenças de valores ideológicos que sedimentam pontos de vista divergentes sobre o tema da Reforma Agrária.

### Referências Bibliográficas

- AQUINO, Z.G.O. (1997) *Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. Tese de Doutorado. USP (mimeo).
- BORILLO, A. (1985) Discours ou Metadiscours? *DRLAV*, 32.
- CHARAUDEAU, P. (dir.) (1991) *La télévision: les débats culturels "Apostrophes"*. Paris: Didier.
- RISSO, M.S. (1998) A propriedade auto-reflexiva do metadiscurso. Texto publicado neste volume, apresentado no XIII Encontro Nacional da ANPOLL.